

# TRABALHO DOMÉSTICO: REPRODUÇÃO E RESISTÊNCIAS<sup>1</sup>

## HOMEWORK: REPRODUCTION AND RESISTANCE

Tatiana Silva Teixeira<sup>2</sup>  
Amélia Carla Sobrinho Bifano<sup>3</sup>  
Maria de Fátima Lopes<sup>4</sup>

### 1. RESUMO:

Objetivou-se, nesse artigo, conhecer o lugar social do trabalho doméstico para as mulheres. O estudo foi realizado com três mulheres migrantes, de baixa escolaridade e de classe média baixa, residentes no bairro Santo Antônio, Viçosa-MG. Fundamentando-se na abordagem qualitativa, recorreu-se às técnicas da observação do cotidiano familiar e da entrevista aberta. A análise dos dados ocorreu após a transcrição das entrevistas, do registro das observações em diários de campo, da sistematização e da categorização temática. Os resultados evidenciaram que por meio do trabalho doméstico são reproduzidos os papéis sociais femininos; sua execução assume o caráter de “obrigação” para a mulher, ao passo que, para o homem possui o caráter de “ajuda”. Entretanto, nas relações cotidianas as mulheres, por meio desse trabalho, exercem micro poderes, desmistificando a imagem do homem-controlador do lar. Concluiu-se que as atividades domésticas são representadas por elas como parte constituinte da identidade feminina.

**Palavras-chave:** trabalho doméstico, papéis sociais femininos, “ser mulher”.

### 2. ABSTRAT:

This article aimed to understand the social place of housework for women. The study was realized with three migrant women with low education and lower middle class, that

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte da dissertação intitulada “Identidades femininas e trabalho doméstico: um estudo de caso com mulheres migrantes do Bairro Santo Antônio, Viçosa-MG”, defendida e aprovada em março de 2015 pelo Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa.

<sup>2</sup> Mestranda em Economia Doméstica, Departamento de Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, Brasil. E-mail: tatiana.teixeira@ufv.br

<sup>3</sup> Professora adjunta do Departamento de Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, Brasil. E-mail: abifano@ufv.br

<sup>4</sup> Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, Brasil. E-mail: mflopes@ufv.br

living in Santo Antônio neighborhood, Viçosa. Basing on the qualitative approach, we appealed to the techniques of observation of daily family life and open interview. Data analysis occurred after transcription of the interviews, the recording of observations in field diaries, the systematization and thematic categorization. The results showed that through housework are played the female social roles; its implementation assumes the character of "obligation" to the woman, while, for man has the character of "help". However in everyday relationships women play micro powers, demystifying the image of the man-controller into the home. It was concluded that the homework is represented by them as a constituent of female social identity.

Key-Words: homework, female social roles, "being a woman".

### **3. INTRODUÇÃO**

A imagem da mulher sempre esteve associada à reprodução biológica, com ênfase na maternidade e na realização do trabalho da casa, o que definiu o lugar social da mulher no universo doméstico. Por outro lado, ao homem foi atribuído o poder econômico através do trabalho fora de casa. Assim, essa dicotomia entre o lugar e os papéis sociais<sup>5</sup> de homens e de mulheres foi traçada socialmente e culturalmente ao logo da história.

Com o objetivo de romper com essa dicotomia que relega a mulher a uma condição social inferior ao homem, os movimentos feministas, das décadas de 60, passaram a questionar esses velhos estereótipos, e abriram as portas para que um grande número de mulheres, tanto da classe baixa quanto da classe média/alta, pudessem se inserir de forma efetiva no trabalho fora de casa e tivessem também maior acesso à educação e à participação social e política. A restrição ao doméstico foi quebrada com a inserção da mulher no mundo produtivo, o que, no entanto, não significa dizer que o

---

<sup>5</sup> Segundo Boris (2002) *apud* Pinheiro (2009) o conceito de papel social está associado as obrigações, comportamento e coerções. Assim, “a ideia de papel social pressupõe um padrão de comportamento, que aceito e reconhecido socialmente, passou a ser organizado em torno de uma diferenciação consensual dos papéis masculinos e femininos” (PINHEIRO, 2009, p.49).

trabalho doméstico deixou de ser uma “obrigação” da mulher (SANTANA; DIMENSTEIN, 2005).

Assim, as mudanças dos papéis femininos não tiveram, em contrapartida, uma transformação do papel masculino, pois os homens mantiveram-se ocupados nas atividades remuneradas fora do âmbito doméstico e as mulheres, além de se ocuparem de forma remunerada no mercado de trabalho, continuaram sendo as principais responsáveis pelo trabalho da casa e pelo cuidado com a família (MELO, CONSIDERA, DI SABATTO, 2007).

O trabalho doméstico feminino possui grande importância social, pois por meio deste é possível à manutenção da saúde dos membros da família, da educação e da socialização das crianças, da reprodução social de normas e valores, bem como da reprodução de mão de obra sadia para o mercado de trabalho. Mas, apesar dessa importância, esse trabalho encontra-se desvalorizado social e economicamente (BRUSCHINI; ROSENBERG, 1982).

Na sociedade patriarcal, os trabalhos femininos, especificamente, o doméstico, não é valorizado devido à supremacia do poder dos homens sobre as mulheres. Segundo Kergoat (2000), estas relações sociais desiguais possuem uma base material, o trabalho, sendo as relações entre homens e mulheres expressas na sua divisão sexual, estando o trabalho do homem social e culturalmente superior ao da mulher.

Além do poder patriarcal, o capitalismo também atua fortemente na situação de “inferioridade” da mulher, contribuindo para a invisibilidade do trabalho doméstico não remunerado, isto porque ele se caracteriza pelo seu valor de uso, ou seja, não possui valor econômico e é realizado dentro da esfera doméstica e para a reprodução social (MELO; CONSIDERA; DI SABBATO, 2006). Dessa forma, a desvalorização e, a consequente, invisibilidade desse trabalho perpassa por dimensões sociais e econômicas da sociedade.

Diante desse cenário, objetivou-se estudar o lugar social do trabalho doméstico para as mulheres e, especificamente, buscou-se, por meio do cotidiano familiar, compreender como ocorre a reprodução social desse trabalho e as relações dos membros da família com o trabalho doméstico.

## **4.REFERENCIAL TEÓRICO**

### **4.1 Trabalho doméstico: parte constituinte do “ser mulher”**

As mulheres sempre trabalharam. Diariamente milhares de mulheres executam inúmeras atividades que são essenciais para a sobrevivência e para a manutenção do bem-estar dos membros da família (BRUSCHINI; ROSENBERG, 1982). Assim, o trabalho doméstico constitui um conjunto de atividades que são realizadas como parte das responsabilidades familiares e que se restringe ao domicílio e ao arranjo familiar nele contido (BRUSCHINI; RICOLDI, 2012).

No presente estudo, restringiu-se a discussão sobre trabalho doméstico não-remunerado, ou seja, ao trabalho doméstico realizado gratuitamente por um membro da família, no caso, a mulher.

O espaço da casa e o conjunto de atividades que fazem parte do trabalho doméstico são indicados social e culturalmente como o lugar da mulher. Independentemente de a mulher ser ou não dona de casa, ser mãe ou não, ela é potencialmente identificada como dona de casa e mãe, sendo percebida como seres fixos e imutáveis (KOFES; PRICITELLI, 1997; SILVA, 1998).

Segundo Melo, Pessanha e Parreiras (2002, p. 48), o trabalho doméstico confunde-se com o “ser mulher” e é socialmente considerado uma expressão de amor da mulher para com os seus na “esfera privada”, fundamentado, essencialmente, na “disponibilidade” materna e conjugal das mulheres. Em que os atos cotidianos de conservação do lar e de educação dos filhos são considerados capacidades “naturais” femininas e, portanto, de menor valorização social em relação às atividades executadas pelo homem (BRUSCHINI; ROSEMBERG, 1982; HIRATA, ZARIFIAN, 2003).

Embora seja imprescindível para a manutenção e para a reprodução da sociedade, o trabalho doméstico – essencialmente feminino - também é ideologicamente pouco valorizado por ser encoberto pela produção social; pois, a sua execução se dá dentro de casa. Essa divisão social e sexual se intensificou após a primeira Revolução Industrial no século XVIII, quando o trabalho foi dividido em duas esferas distintas: de um lado, a unidade doméstica, sendo a mulher relegada ao trabalho doméstico; e de outro lado, o trabalho fora de casa, no qual coube ao homem vender a sua força de trabalho em troca de um salário (BRUSCHINI; ROSEMBERG, 1982; LAGO, *et al.*, 2009).

Neste modo de produção, o termo “trabalho” passou a fazer referência a todas as atividades que se enquadram no sistema capitalista de produção, ou seja, a força de trabalho tornou-se uma mercadoria cujo valor é o valor de troca (MARX, 1984), sendo excluídas do conceito de “trabalho” todas as atividades que não se adequassem a esse sistema, dentre estas, as atividades domésticas realizadas para a reprodução social.

Diante dessa realidade, o trabalho doméstico permaneceu ao longo do tempo ignorado nos estudos sobre trabalho, vindo à tona a partir dos estudos feministas que abordavam a divisão sexual do trabalho como forma ideológica de submissão feminina. Juliet Mitchel (1985) complementa afirmando que o patriarcado e o capitalismo são dois sistemas de dominação que interagem e atuam mutualmente para reforçar a desigualdade entre homens e mulheres.

No modo de produção capitalista, a desvalorização do trabalho doméstico feminino se dá pelo fato de ser considerado um trabalho simples<sup>6</sup>, constituinte de uma faculdade “natural” da mulher e realizado na dimensão reprodutiva da sociedade, no ambiente doméstico, fora da produção e da circulação de capital.

Assim, o trabalho doméstico não tem por objetivo produzir bens materiais para serem trocados no mercado, mas se caracteriza por seus valores de uso. Ao ser concebido como “naturalizado feminino” e “reprodutivo” e não produtor de mercadorias, o trabalho da dona de casa e/ou da trabalhadora doméstica não possui a devida recompensa monetária e o reconhecimento social (BERNARDINO-COSTA, 2012). Entretanto, é necessário para a saúde e manutenção do bem-estar dos membros da família que vendem sua força de trabalho ao mercado. Como uma forma de trabalho não pago por ser considerado somente em seu valor de uso, o trabalho doméstico constitui o pilar da produção capitalista, pois entende-se que este trabalho realizado dentro do âmbito doméstico, mantém a mão de obra empregada no “mundo produtivo” (BERNARDINO-COSTA, 2012).

Desse modo, se num primeiro momento esses dois mundos são percebidos de formas separadas, o cotidiano e as práticas sociais revelam uma complementariedade entre o “mundo produtivo” e o “mundo reprodutivo”, pois “em toda formação social coexistem uma produção social de bens e produção de seres humanos (...) a produção e

---

<sup>6</sup> De acordo com Marx (1988) *apud* Bernardino-Costa (2012) o trabalho simples é um posto que requer baixa qualificação, é a força de trabalho que existe em qualquer indivíduo. Fato este do qual não se concorda no presente estudo.

a reprodução são indissociáveis (...) uma é a condição da outra” (COMBES, 1986 *apud* BRITO; D’ACRI, 1991, p. 24), não sendo possível compreendê-los separadamente.

O patriarcado também desvaloriza esse trabalho feminino, porque é composto por “um sistema simbólico e ideológico que perpassa o meio social e penetra sutilmente nas consciências individuais, transmitindo a ideia da inferioridade nata da mulher” (SILVEIRA; OSTERNE, 2014, p.4). Nesse sistema, as relações de gênero encontram-se hierarquizadas, colocando, assim, o trabalho doméstico em uma posição inferior ao trabalho realizado pelo homem. Isso, porque as mulheres incorporam, inconscientemente, os valores referentes a essa dominação masculina<sup>7</sup> o que dificulta transformações nas relações entre homens e mulheres e na igualdade da divisão social e sexual do trabalho (KOSMINSKY; SANTANA, 2006) .

Percebe-se, portanto, que tanto o modo de produção capitalista quanto o patriarcado relegam a mulher e o trabalho doméstico a uma condição de inferioridade e de invisibilidade social, cultural e também econômica.

## **5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo foi realizado na cidade de Viçosa-MG, localizada na Zona da Mata Mineira. A cidade possui 72.220 habitantes residentes em 2010 e caracteriza-se pelo crescimento desordenado, sendo o principal centro migratório da microrregião. Especificamente, o estudo foi realizado com três mulheres participantes de um projeto de pesquisa e residentes do bairro Santo Antônio.

As três mulheres são de origem rural, mas residem na cidade em torno de 38 a 43 anos, elas migraram para Viçosa em busca de melhores condições de vida, encontrando no emprego doméstico remunerado essa possibilidade. Elas têm idade entre 60 e 63 anos, todas são mães e avós, esposas e donas de casa, duas delas se dedicam integralmente às atividades domésticas e ao cuidado com os membros da família, e uma

---

<sup>7</sup> Termo utilizado por Bourdieu, para retratar, em nível simbólico, a dominação masculina na sociedade, e que encontra-se presente nas relações entre os sexos, segundo o autor, essa dominação consiste em uma “Violência Simbólica” vivenciadas cotidianamente pelas mulheres, e que encontra-se fundamentada em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere ao homem uma melhor posição com relação à mulher. Ver mais em Bourdieu (2012).

concilia o trabalho de servidora pública na universidade federal com o trabalho doméstico da sua casa.

Para conduzir a pesquisa, recorreu-se à abordagem qualitativa, por meio da qual buscou-se criar um ambiente informal de diálogo e de interação entre a pesquisadora e as mulheres participantes. Para proceder à construção dos dados utilizou-se como técnicas as observações do cotidiano familiar e as entrevistas abertas.

Para melhor realização da pesquisa as observações às residências das mulheres foram conduzidas em formas de visitas ocasionais e aleatórias com o intuito de captar o real cotidiano da família e do trabalho doméstico realizado por elas, bem como as relações entre os membros da família e os seus respectivos papéis sociais dentro do ambiente doméstico.

As entrevistas ocorreram informalmente durante essas visitas e em forma de conversas nas quais a pesquisadora buscou utilizar a própria linguagem cotidiana das participantes a fim de conferir maior interação e liberdade como orienta Jovchelovitch e Bauer (2002).

As conversas foram gravadas em áudio com a devida autorização e, posteriormente, foram transcritas na íntegra e organizadas em possíveis temáticas relacionadas ao objetivo do estudo. Os dados obtidos pelas visitas também foram registrados em diários de campo para posterior tratamento.

A realização da pesquisa respeitou os princípios éticos que regem os estudos que envolvem seres humanos, sendo submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Viçosa de acordo com a Resolução CNS 466/2012.

## **6. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **6.1 Reprodução social do trabalho doméstico e sua naturalização como atividade feminina**

O trabalho doméstico encontra-se intimamente associado à construção social do “ser mulher”, pois por meio da aprendizagem desse trabalho as jovens mulheres tomam conhecimento de seus papéis sociais e, posteriormente, os reproduzem. Assim, o trabalho doméstico se mostrou, no relato e no cotidiano das mulheres, o principal elemento socializador e educador. Os processos de socialização, segundo Bifano (1999),

constituem um conjunto de informações que são transmitidas de geração a geração e percebidos como cruciais nas relações entre o sujeito e a sociedade e, é por meio desses processos que os sujeitos interiorizam ou aprendem a seguir as normas, os valores e as regras de conduta.

De acordo com Kosminsky e Santana (2006), as meninas e as adolescentes são “treinadas” na realização do trabalho doméstico ainda durante a infância pela mãe, avó, tia ou por outra figura feminina próxima. Para as referidas autoras, a educação de meninos e de meninas se difere, uma vez que os meninos aprendem os papéis sociais de homem provedor e guardião do lar, relegado ao trabalho fora de casa; ao passo que, a educação das meninas está relacionada aos papéis sociais de mãe, esposa e dona de casa dentro do universo doméstico.

Diante dessa divisão sexual do trabalho, na ausência da dona da casa, principalmente, em famílias de camadas populares, as atividades de conservação do lar como limpar, lavar, passar, cozinhar, cuidar das crianças menores dentre outras atividades são de responsabilidades das meninas da família (KOSMINSKY; SANTANA, 2006). O relato de uma das mulheres sobre sua infância confirma tal realidade:

Trabalho da casa mesmo, eu aprendi com minha mãe mesmo, (...) eu era bem novinha, eu falo com minhas menina aqui, com nove anos minha mãe podia sair, com nove, dez anos, que nós tomava conta de tudo, eu e minhas irmãs (...) Aí foi com minha mãe mesmo, mas depois nós fomos pra casa dos outro né, pra trabalhar na casa dos outros (...) A mãe punha a gente pra fazer né (...) independente de trabalhar fora minha mãe punha a tarefa pra gente fazer (Dona Inês, 27/08/2014).

A fala de Dona Inês é representativa da infância das demais mulheres que, ainda crianças, eram responsáveis pela realização das tarefas domésticas. Após aprenderem essas atividades, ainda jovens, buscaram “no trabalho da casa dos outros” uma fonte de renda e a inserção no mercado de trabalho, o que não as eximia do trabalho doméstico de suas residências.

Da mesma forma que foram educadas, as participantes deste estudo também ensinaram o trabalho da casa para suas filhas. E ainda nos dias atuais, elas continuam ensinando os seus saberes domésticos às suas netas e sobrinhas por considerarem que para “ser mulher” é preciso ser dona de casa e, para, posteriormente, também serem esposas e mães.

As meninas e as jovens, realizam o trabalho doméstico como forma de mostrar reciprocidade, respeito e obediência às mães, e caso não seja atendido, são reprimidas, como bem apontou Kosminsky e Santana (2006) e Hillesheim (2004). O trabalho doméstico assume-se como um dever para as meninas e uma ajuda para os adultos (HILLESHEIM, 2004).

As falas abaixo ilustram a reprodução do trabalho doméstico:

Eee minhas filhas, minhas filhas foi vendo eu fazendo e foi aprendendo né, elas *tava* bem pequena ainda, algumas delas aí, a Cristina ali mesmo, *tava* bem pequena eu ia fazer faxina, minha filha, levava ela comigo pra me ajudar. (Dona Inês, 27/07/2014).

(...) aqui foi assim, eu comecei a trabalhar e vinha, eu cobro do meu marido isso, quando ele trabalhava de pedreiro ele não ensinou os dois meninos trabalhar de pedreiro (...) Ai eu começava com as meninas, eu ia trabalhar eu deixava a cozinha pra elas arrumar, eu deixava a comida pronta e deixava a cozinha pra elas arrumar, ai eu falava hoje é você que vai *fogar* o arroz e eu perto, amanhã cê vai fazer o café e eu perto, ai aprendeu, e cozinham bem pra *dana* as duas, precisa de ver! (Dona Carmem, 16/09/2014).

Minha neta, cê precisa vê as vasilhas, os copos que ela lava, fica limpinho (...) Gabriele com 10 anos já faz bolo, bolinho de chuva, ela sempre vai pro fogão e faz coisas mesmo, com 10 anos! (Dona Carmem, 19/07/2014).

É perceptível que tornar-se mulher está ligado ao processo de aprendizagem do trabalho doméstico. Além disso, as próprias mulheres reforçam a naturalização das diferenças de gênero, havendo uma divisão sexual do trabalho dentro do ambiente familiar, em que as meninas aprendem o trabalho da casa e os meninos o trabalho do pai. De acordo com essa divisão, as meninas precisam assumir as responsabilidades do lar como um treinamento importante para vida futura, sendo um valor moral a transmissão do trabalho doméstico entre as gerações (KOSMINSKY; SANTANA, 2006).

Quando era solteira não gostava de fazer angu, mas a mãe falava vocês só vão começar namorar quando você aprender a fazer o angu, ai tinha dia que o angu saia empelotado, tinha dia que saia ralo, tinha dia que saia duro, mas hoje é raro eu fazer angu. E eu tive que aprender fazer angu para eu namorar! (risos) (filha de Dona Carmem, 19/07/2014).

Para Dona Carmem ensinar a atividade de cozinhar consistia em um treinamento para as filhas serem “boas donas de casa e esposas” no futuro. Havendo uma transmissão de valores, de princípios de comportamentos relacionados ao ensino do trabalho doméstico.

Também percebeu-se um esforço dessas mulheres no sentido de incluir os filhos na realização das tarefas domésticas, porém na perspectiva de que um dia eles poderiam precisar desses conhecimentos e não no caso de se casarem e assumirem tal responsabilidade.

Porque os meus filhos eu ensinei, os meus meninos sabe lavar, sabe passar, sabe cozinhar muito bem! Aquele mais velho, então. Ele nunca trabalhou em restaurante não, ele sempre trabalhou junto com esse J., P. do Panorama, então na cozinha mandava a vê mesmo, porque eu ensinei! (...) ele (filho mais velho) engoma o terno dele tudo, pra ele trabalhar, que ele só trabalha de terno, ele passa e engoma tudo direitinho (...) Agora eu *to* tentando ensinar pros neto, mas esses aí tá meio difícil! (...) ele (neto mais velho) teve a mesma criação, a mesma educação e eu mesmo ensinando, eu disse pra ele “ô meu filho a gente não pode ser dependente de mulher”, homem tem que ser assim, e nem todas mulher é igual. (Dona Maria, 24/07/2014).

Apesar de os filhos de Dona Maria terem aprendido a fazer tais tarefas, e de ela se mostrar orgulhosa por tê-los ensinado, ela afirma que eles não têm a “obrigação” de cuidar da casa e dos membros da família, evidenciando uma contradição entre a prática e o discurso. No cotidiano familiar ela buscou ensiná-los, mas o seu discurso reafirma o modelo ideológico da sociedade e da “dominação masculina”. Os homens apenas assumem essas atividades quando há a impossibilidade da sua realização pelas mulheres (VARGAS; ROTENBERG, 2011).

Eu conto com ela (filha), coitada, é a única que tá ai dando assistência pra mim, né. Porque os outros é homem tem as mulher deles, mas nenhuma delas apareceu aqui pra fazer um mingau se quer pra mim. E pra eles fica mais difícil, porque eles é homem também, tem as obrigações deles (Dona Maria, 24/07/2014).

Deste modo, percebeu-se no cotidiano a separação de determinadas atividades entre os membros da família, cabendo à mãe e às filhas as atividades relacionadas ao cuidado e à manutenção da limpeza da casa, mesmo quando se ocupam de forma remunerada no mercado de trabalho; ao passo que, o pai e os filhos se dedicam às atividades relacionadas ao trabalho produtivo e minimamente contribuem em alguma tarefa doméstica. No que concerne à reprodução social, o trabalho doméstico é exposto como uma obrigação para a mulher e como uma “ajuda” para o homem (BRUSCHINI; RICOLDI, 2012).

Nesse grupo de mulheres, apenas em uma família observou-se uma pequena mudança com relação a essa divisão sexual do trabalho, em que a mulher encontra-se ocupada no mercado de trabalho e o marido aposentado. Diante dessa configuração familiar, ele “ajuda” a esposa em determinadas atividades domésticas.

(...) Mas é assim, tenho três empregos ou mais, eu venho em casa arrumo aqui, agora que meu marido aposentou, que eu *to* mais velha também né?! Aí ele me **ajuda**, eu deixo o almoço mais ou menos adiantado, ele vai acaba de fazer, (...) eu deixo a carne quase cozida ele termina de fritar (Dona Carmem, 19/07/2014).

A “ajuda” do marido está condicionada a sua condição de aposentado e também associada a idade de Dona Carmem que, por sua vez não aguenta mais conciliar tantas atividades como no passado, o que a faz cobrar maior participação do marido nas tarefas da casa. Entretanto, fica evidente que a contribuição do esposo ainda é muito limitada, uma vez que ele apenas executa as atividades já “adiantadas” por Dona Carmem. Fato este que confere o caráter de “ajuda” ao trabalho doméstico realizado pelo homem. Além disso, Bruschini e Ricoldi (2012) afirmam que as próprias mulheres asseguram esse caráter de “ajuda” masculina, pois elas acreditam e reproduzem em seus cotidianos que o trabalho doméstico é uma responsabilidade feminina. Por isso a reprodução social desse trabalho ocorre entre as mulheres, pois é social e culturalmente naturalizado como uma “obrigação” da mulher.

Dona Carmem ainda contou que

A casa quando eles vão varrer a casa eles varrem da li pra lá, a varanda e a garagem eles não varrem não porque os outros vai ver (risos). Nem os lixos eles não levava ali, agora já pega o lixo e leva, mas não levava o lixo não, eles falava “quem leva o lixo é mulher, lixo eu não levo não.” Agora já leva, mas custou, começar levar o lixo. (Dona Carmem, 16/09/2014).

Esse relato também evidencia as distintas considerações entre homens e mulheres a respeito do conjunto de tarefas que envolvem o trabalho doméstico, pois mesmo quando eles contribuem para sua realização, existem atividades que são consideradas exclusivamente femininas e, portanto, eles se negam a realizá-las por considerarem um trabalho inferior e vergonhoso. Kosminsky e Santana (2006) também atribuem ao fato a estrutura hegemônica da sociedade patriarcal e a dominação masculina em que o homem acredita ocupar uma posição superior à mulher e ao trabalho exercido por ela.

Desse modo, constatou-se que as práticas e os discursos dos membros da família encontram-se vinculados à imagem da mulher idealizada socialmente: a mulher dedicada ao trabalho doméstico e aos filhos. Imagem esta ainda arraigada e naturalizada, em que a existência de uma “soberania masculina” fundamenta os discursos sociais e a tradicional divisão sexual do trabalho e dos papéis sociais entre homens e mulheres na família.

## **6.2 Os micro poderes dentro do ambiente familiar**

No cotidiano familiar observou-se uma imbricada rede de poderes entre os membros da família. No que concerne à atuação feminina, percebeu-se a presença de contra-poderes, manipulações, alianças e consentimentos que colocam a mulher como dona da casa e a principal responsável pela organização familiar, cabendo à ela o poder de tomar decisões de acordo com suas pretensões, contradizendo a imagem do homem como o único detentor de poder dentro da família.

Segundo Foucault (2008), no micro social o poder encontra-se distribuído nas relações e pode se manifestar em detalhes, em “microfísicas”, como em gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. O poder se exerce ou se pratica nas relações sociais, e encontra-se, por vezes, hierarquizados em que “o ápice e os elementos inferiores da hierarquia estão em uma relação de apoio e de condicionamento recíprocos; eles se “sustentam”” (FOUCAULT, 2008, p.221). O autor evidencia a existência de micro poderes que podem ser assumidos e sustentados por meio da “chantagem” mútua e indefinida. Assim, apesar de a “dominação masculina” encontrar-se inculcada nas percepções, nos pensamentos e nas ações dos indivíduos e de ser universalmente partilhada no contexto do micro social, nas relações cotidianas, os sujeitos buscam burlar tal dominação por meio desses micros poderes.

Desse modo, as mulheres demonstraram, para além dos seus discursos, uma rede de poderes que são compartilhados e aprendidos. No cotidiano, observou-se as relações de poderes estabelecidas entre elas e os maridos e, percebeu-se que não existe uma relação de completa submissão alienante das mulheres, pois estas utilizavam-se de táticas e estratégias cotidianas que lhes permitiam inverter a “dominação dos maridos”.

A fala de Dona Carmem elucida essa relação de poderes com o marido.

Tem dia que ele (marido) fala das reuniões que eu participo, o dia que eu começo ir muito nesse trem, ele fala: “oh doido cê num fica em casa!”. O dia que eu vou a semana toda nessa reunião ele fala comigo: “tá doido cê num para dentro de casa não, que tanto de reunião!”, mas aí eu saio bem, eu falo com ele: “cê vai comigo, que aí cê sabe o que eu to fazendo e cê me ajuda, porque o dia que eu não puder ir, pra cuidar da casa, cê vai no meu lugar!”. E ele vai? Vai não. E o pior que elas (amigas de Dona Carmem) vem aqui me chamar, mas ele não gosta de ir nessas coisas, e elas chama ele também, só que ele não gosta de ir, aí eu vou e ele não. (Dona Carmem, 16/09/2014).

Nesse relato, Dona Carmem evidencia o uso de táticas para escapar das imposições do marido que, por sua vez, deseja a sua presença constante dentro de casa. Para resistir as suas reclamações, Dona Carmem pede a ele para acompanhá-la nas

reuniões com o intuito de “ajudá-la”, pois quando ela não puder comparecer ele poderá representá-la. No entanto, diante dessa pressão colocada por ela, o marido acaba desistindo de importuná-la.

Outra rede de poderes observada foi de Dona Inês e o marido. Ela afirmou: “ (...) Eu que administro tudo, ele põe dinheiro na minha mão, mas eu que resolvo tudo!”. Ela se coloca como a administradora dos recursos da família, detentora do poder de controlar a organização da casa e de gastar o dinheiro da forma que julga adequado. Entretanto, o seu poder ainda encontra-se em uma hierarquia inferior com relação ao seu marido, por ele ser o principal mantenedor da renda familiar. Diante disso, Dona Inês deixou de fazer o que gosta (de trabalhar fazendo salgados para vender) para poder cuidar da sogra a “pedido” do companheiro, porém, ela reciprocamente, também estabeleceu uma relação de poder sobre ele, pois, agora, ele se vê dependente da esposa para o cuidado com a mãe.

Perante essa imbricada rede de poderes, o marido de Dona Inês teve que abrir mão de trabalhar fora para poder auxiliar no cuidado com a idosa, sendo esta uma exigência da esposa, que também se vê “obrigada” a cuidar da própria mãe e diz.

Ela (mãe de Dona Inês) está dando bastante trabalho não quer comer, ela não quer tomar banho, aí a gente tem que ajudar um pouquinho né, eu falei com meu marido: “não, agora chegou a hora de você ficar em casa!”, essa semana ele não tá trabalhando não, aí eu arrumo e vou pra lá cuidar da minha mãe e ele fica aqui com a idosa (Dona Inês, 12/08/2014).

Outra situação que evidenciou a relação de poderes no ambiente familiar foi o caso de Dona Maria que, desmistificando a imagem de mulher submissa, prontamente se declarou a chefe da casa, colocando seu marido em uma “hierarquia de poder” inferior a sua. Apesar de o marido ser aposentado, trabalhar de forma remunerada e contribuir no orçamento familiar, ele não assume o papel social de “homem provedor/controlador do lar” devido ao seu vício pela bebida alcoólica, cabendo à ela assumir essa função. Dona Maria afirma ser a “matriarca da família”, responsável pela administração da renda, da organização do ambiente doméstico e dos problemas cotidianos. Segundo ela, “Meu marido e meu genro são fraquinhos! E meu marido ainda gosta de uma pinguinha, aqui em casa quem tem força sou e minha filha!” (Dona Maria, 10/04/2014).

Assim, pelas observações do cotidiano, foi possível identificar uma rede de poderes, dos quais as mulheres lançam mão o “jeitinho feminino” para burlar o poder

masculino socialmente legitimado. Ao assumir o trabalho doméstico como sua responsabilidade e os papéis de dona de casa e de cuidadora dos membros da família, as mulheres passam a exercer um poder dentro do ambiente doméstico, sendo este praticado, muitas vezes, por “trás dos panos” e de forma velada, como afirmou Rocha-Coutinho (1994).

De acordo com a referida autora, as mulheres fazem uso do “jeitinho”, de ordens, de ameaças, de chantagens emocionais dentre outras táticas femininas para construir uma rede invisível de poderes com o objetivo de controlar e organizar o interior da casa e da família, mas que muitas vezes, extrapola o ambiente da casa. Assim, para além dos discursos da mulher idealizada socialmente, o cotidiano dessas mulheres evidenciou as relações de poderes que não as abnegam a uma condição de inferioridade ou de submissão dentro do âmbito doméstico. Ao contrário, as colocam em uma “hierarquia de poder” em que suas vontades se sobrepõem a autoridade masculina legitimada. Sendo esta rede construída, principalmente, em torno do trabalho doméstico a elas relegado.

### **6.3 Contradições**

As representações dessas mulheres sobre o trabalho doméstico se mostraram por vezes contraditórias, pois ora o percebem como algo sacrificante, ingrato e como uma obrigação feminina a qual elas estão acostumadas desde crianças, ora como um trabalho prazeroso que lhes satisfazem enquanto mulheres.

Aqui em casa eu que tenho que tomar conta de tudo, da casa, da sogra, até fazer compra é eu que tenho que fazer, meu marido não faz, até as coisas pra ele é eu que tenho que comprar (...) então é eu pra tudo, porque se tem uma pessoa aqui em casa, eu saio pra resolver as coisas, não tendo eu tenho que ficar quietinha dentro de casa (Dona Inês, 22/07/2014).

Ah ser mulher?! Ai eu acho que se tivesse, como diz o outro, eu queria, se tivesse na outra encarnação eu queria nascer homem! (risos) Mulher trabalha demais, né menina! (riso) Eu falo com meu marido “cês sai pra trabalhar, saiu pra trabalhar cês tá fazendo aquela coisa”. Mulher não é uma coisa é outra, é outra, é outra, meu Deus é muita coisa uê! (risos) Muita coisa! Não sei se é porque aqui eu peguei a carga tudo, aqui minha filha, eu tô com 42 anos de casada, meu marido se ele tivesse aqui não podia tá falando isso não que ele acha ruim, mas pergunta ele o dia que ele saísse, 42 anos de casado, para fazer uma compra! (Dona Inês, 27/08/2014).

Ah toda vida a gente faz mesmo né, tem que costumar né, fazer, eu não ligo não, eu até gosto de fazer, a única coisa que eu não gosto muito de fazer é passar roupa, não gosto de passar roupa não, mas tem que passar fazer o quê?! E o homem não usa roupa sem passar de jeito nenhum, se der uma

cocairinha ele já fala: “vesti roupa sem passar!”, então tem que passar sabe (Dona Carmem, 16/09/2014).

A sobrecarga de trabalho doméstico assumida pelas mulheres fica evidente em seus cotidianos familiares. Estas atividades são percebidas como responsabilidades femininas e que as mantêm presas ao universo doméstico, ao passo que os maridos pouco ou nada se envolvem na realização dessas atividades. Mesmo quando não gostam de realizar determinadas tarefas as mulheres se veem “obrigadas” a fazê-las a fim de se mostrarem “boas donas de casa” e “esposas cuidadosas”.

Elas percebem o trabalho doméstico como sacrificante e ingrato, devido sua invisibilidade social, cultural e também econômica, trabalho este que não é valorizado e nunca é concluído ou finalizado em um produto.

Trabalhos que visivelmente nunca acabam, jamais suscetíveis de receber um arremate final: a manutenção dos bens do lar e a conservação da vida dos membros da família parecem explorar o campo de uma produtividade digna de ser levada em conta. Só quando faltam é que chamam a atenção, mas neste caso é ainda de reprovação que se trata (GIARD, 2003, p. 217).

De acordo com a referida autora, esse grau de não reconhecimento do trabalho doméstico ocorre porque, em geral, as ocupações cotidianas das mulheres não recebem qualquer atenção, sendo o trabalho doméstico percebido socialmente como um lento e interminável “trabalho de mulher”, cabendo a elas esse status e essa função como se fossem de direito (GIARD, 2003).

Mesmo sobrecarregadas, as mulheres pouco se rebelam contra essa divisão desigual do trabalho doméstico “talvez porque aquelas que o fazem passam a ser mal vistas tanto pelos seus companheiros quanto pelos demais membros do grupo familiar e da vizinhança” (SILVA, 2009, p. 5182). O que deixa evidente a cobrança ideológica sobre os papéis sociais das mulheres, ou talvez ainda, seja pelo fato de elas, por meio deste trabalho, exercerem o poder dentro do ambiente familiar.

Em contrapartida, o trabalho doméstico também consiste em uma atividade prazerosa e as falas são representativas.

Ai eu adoro meu trabalho doméstico, eu adoro, tudo que eu pego pra fazer eu gosto de fazer, não tenho que falar “e não gosto de fazer isso”, eu não, eu amo meu trabalho, se eu *to* cozinhando eu vou com muito prazer, se eu vou lavar uma roupa eu gosto, se eu vou arrumar uma casa, eu adoro arrumar casa! Boto um CD na vitrola, minha filha, e canto, e vou arrumando, limpando, quando eu vejo tá tudo limpinho. (Dona Maria, 24/07/2014).

As mulheres consideram que os atos de conservação do lar estão relacionados ao sentimento de amor para com os membros da família, cabendo a elas, portanto, essa função.

Ao realizarem o trabalho doméstico, as mulheres se percebem como a “dona da casa”, como pessoas importantes para o funcionamento familiar, sendo o lar o lugar onde elas afirmam seus papéis sociais de mãe, esposa e dona de casa. Entretanto, não pretende dizer que os papéis sociais femininos se restrinjam ao espaço doméstico e ao trabalho da casa e muito menos concordar com a sua “naturalização”, mas sim acordar que as representações dessas mulheres sobre o trabalho doméstico foram construídas socialmente por meio das ideologias difundidas pelas instituições sociais que visam manter a mulher como a principal responsável pelo trabalho da casa.

Deste modo, a divisão sexual dos papéis sociais e do trabalho é repassada ideologicamente para as gerações futuras criando um ciclo pernicioso para as mulheres que dificilmente será quebrado. Isso ocorre porque “algumas vezes, o biologismo é confundido com o próprio destino, ao mesmo tempo em que expressam os seus papéis sexuais como culturais ou como resultantes da imposição familiar e social” (KOSMINSKY; SANTANA, 2006, p. 231).

As representações dessas mulheres acerca do trabalho doméstico também evidenciaram que elas próprias não consideram as atividades de cuidado, de conservação da casa e de reprodução como trabalho propriamente dito, uma vez que, acreditam que estas atividades são suas obrigações enquanto mulher, mãe, esposa e dona de casa. Ao passo que “trabalho” consiste em atividades que são realizadas de forma remunerada fora do ambiente doméstico.

Assim, segundo Jodelet (1989), as representações criam definições que são partilhadas pelos membros de um grupo e constroem uma visão consensual da realidade. Nesse caso, as mulheres aprenderam e reproduzem valores ideológicos, experiências, práticas, modelos de conduta e de pensamento que lhes foram socialmente inculcados ou transmitidos.

Portanto, o trabalho doméstico é representado pelas mulheres como parte constituinte do “ser mulher”, da identidade social feminina, está relacionado às reposições dos seus papéis socialmente determinados, sendo impossível, assim, dissociar esse trabalho das suas identidades femininas.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As mulheres participantes desse estudo são de classe média baixa, migrantes e de baixa escolaridade diferentes do perfil daquelas que fizeram o movimento feminista: brancas, classe média/alta e instruídas. Suas histórias também evidenciaram mulheres múltiplas, que trabalham diariamente dentro e fora de casa, que conciliam, ou conciliaram o trabalho remunerado com o trabalho doméstico de suas residências, e que além disso, se ocuparam, ao longo de suas vidas, em atividades socialmente desvalorizadas, mas que garantiram a sobrevivência da família.

A dicotomia socialmente estabelecida entre o “mundo produtivo” e o “mundo reprodutivo”, onde o homem é educado e treinado para trabalhar na esfera considerada produtiva, e a mulher relegada às atividades reprodutivas do âmbito doméstico, contribuiu para a invisibilidade do trabalho que é realizado por elas cotidianamente no interior dos lares. Contudo, não acredita-se nesse estudo, nessa divisão, mas, sim numa complementariedade desses dois mundos/espacos, sendo o trabalho doméstico o pilar da produção capitalista.

Logo, o trabalho doméstico possui grande valor social e também econômico. Entretanto, por ser realizado pelas mulheres, no ambiente doméstico, por ser caracterizado como habilidades naturais femininas e por não gerar valor de troca, encontra-se encoberto e obscurecido nos cotidianos familiares, invisível nas dimensões sociais, culturais e econômicas da sociedade. Além disso, desvalorizado até mesmo pelas próprias mulheres, pois elas não o percebem como “trabalho”, mas como uma “obrigação” feminina. Em um contraponto, é por meio do trabalho doméstico que as mulheres teceram redes de poderes no âmbito familiar em suas relações sociais e cotidianas, desmistificando a sua total submissão ao poder masculino e tornando-as “donas da casa”.

Portanto, mesmo após um quadro de mudanças históricas e sociais em torno da condição social das mulheres, o trabalho doméstico ainda é percebido por elas próprias como parte constituinte do “ser mulher”, ou seja, parte da identidade feminina, isto porque ele é reproduzido socialmente como elemento educador e socializador entre as mulheres da família.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIFANO, A. C. S. **Estudo da Prática Situada – Uma Contribuição Metodológica para Avaliação e Concepção de Produtos**. 1999. 180 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Faculdade de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

BERNARDINO-COSTA, J. Migração, trabalho doméstico e afeto. **Cadernos pagu** (39), jul.-dez., 2012, p.447-459.

BRITO, J. C. de; D'ACRI, V. Referencial de Análise para Estudo da Relação Trabalho, Mulher e Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 201- 214, abr/jun, 1991.

BRUSCHINI, M. C. A. e ROSEMBERG, F. A Mulher e o Trabalho. In: **Trabalhadoras do Brasil**, São Paulo: Brasiliense, Fundação Carlos Chagas, p. 9-22, 1982.

BRUSCHINI, M.C. A.; RICOLDI, A. M. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(1): 344, janeiro-abril/2012, p.259-287.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 25. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

GIARD, L. Artes de nutrir. In: CERTEAU M.; GIARD, L. (Orgs), **A invenção do Cotidiano 2**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HILLESHEIM, B. Trabalho doméstico “o serviço de sempre”. In: STREY, M. N.; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R. (orgs). **Gênero e Cultura: Questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 39-52.

HIRATA, H.; ZARIFIAN, P. O conceito de trabalho. In: **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (ed.) **Les representations sociales**. Paris: PUF, 1989, p. 31-61.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W.. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, M. *et al.* (org.), **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres – desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2000.

KOFES, S.; PISCITELLI, A. Memórias de histórias femininas, memórias e experiências. **Cadernos Pagu**, p.343-354, 1997.

KOSMINSKY, E. V; SANTANA, J. N. Crianças e jovens e o trabalho doméstico: a construção social do feminino. **Sociedade e cultura**, v. 9, n. 2, jul./dez. 2006, p. 227-236.

LAGO, M.C.S. *et al.* Gênero, gerações e espaço doméstico: trabalho, casa e família. **Paideia**, v. 19, n. 44, set.-dez. 2009, p. 357-366.

MARX, K. O processo de trabalho e o processo de produzir mais valia. In: **O capital, crítica da Economia Política**. 1 ed. Difel, São Paulo, 1984, p. 201-223.

MELO, H. P. de; CONSIDERA, C. M.; DI SABBATO, A. Os afazeres domésticos contam. **Rev. Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3 (31), dez. 2007, p. 435-454.

MELO, H. P; PESSANHA, M. C.; PARREIRAS, L. E. Da cozinha para o mercado – a evolução dos rendimentos dos trabalhadores domésticos nos anos 90. **Gênero**, Niterói, v.2, n.2, 1º sem. 2002, p. 47-60.

MITCHEL, J. Modelos familiares. 1972. In: CANEVACCI, M. (org.). **Dialética da Família**. 1. ed. Brasiliense, 1985.

PINHEIRO, Z. A. C. **O gênero da casa: vivências masculinas no espaço doméstico**. 179f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, p. 249, 1994.

SANTANA, M; DIMENSTEIN, M. Trabalho doméstico de adolescentes e reprodução das desiguais relações de gênero. **Psico-USF**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2005, p.93-102.

SILVA, E. B. Des-contruindo gênero em Ciência e tecnologia. **Cadernos Pagu**, 1998.

SILVA, T. M. G. Divisão do trabalho doméstico: uma questão de gênero. **IV Congresso Internacional de História**. Maringá, Paraná, 9 a 11 set. 2009.

SILVEIRA, C. M. H.; OSTERNE, M. S. F. A mulher é Eva, o homem é Adão? Reflexões sobre o significado de ser homem e de ser mulher na sociedade. **Caderno Espaço Feminino**, v. 27, n. 1 - Jan/Jun. 2014, p. 1-18.

VARGAS, S. M; ROTENBERG, S. Identidade e trabalho doméstico feminino invisível. **Trevo**, v.1, n.2, 2011. Disponível em: <  
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=trevo&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=91&path%5B%5D=80>> Acesso em: 15 out. 2014.